

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
14 e 24 de Janeiro de 2022
ALLAN DWAN – segunda parte

REBECCA OF SUNNYBROOK FARM / 1938 A Garota da Rádio

Um filme de Allan Dwan

Argumento: Don Ettinger e Karl Tunberg, baseado numa idéia de Kate Douglas Wiggin / *Director de Fotografia (35 mm, preto & branco):* Arthur C. Miller / *Cenários:* Thomas Littel, George Sawyer / *Figurinos:* Gwen Wakeling / *Música:* Arthur Lange / *Montagem:* Allen McNeil / *Interpretação:* Shirley Temple (*Rebecca Winstead*), Randolph Scott (*Tony Kent*), Jack Haley (*Orville Smithers*), Gloria Stuart (*Gwen Warren*), Phyllis Brooks (*Lola Lee*), Helen Westley (*a Tia Miranda*), Slim Summerville (*Homer Busby*), Bill Robinson (*Aloysius*), Franklin Pangborn (*Hamilton Montmarcy, o organista*).

Produção: Darryl Zanuck, para a Twentieth Century Fox / *Cópia:* ficheiro digital, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 81 minutos / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Odeon e Palácio), 28 de Setembro de 1938 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Abril de 2008, no âmbito do ciclo “Divas às Matinéas”.

O cinema sempre teve uma curiosa atração por monstros infantis. Isto talvez explique o estranho hábito do cinema americano de confiar papéis de crianças ou adolescentes a atores que já não são nem uma coisa nem a outra, como Judy Garland em **O Feiticeiro de Oz** (tinha dezassete anos e o seu personagem cerca de dez) ou James Dean em **Rebel Without a Cause** (tinha 24 anos e o seu personagem frequenta o liceu). Nos seus primórdios, Hollywood chegou ao ponto de fantasiar uma adolescente de 17 anos em criança: Mary Pickford, cognominada “a noivinha da América”, o que é uma prova da componente sexual do personagem (afinal, uma noiva vai para o quarto nupcial). O caso mais extremo na carreira de Mary Pickford deve ter sido **The Little Lord Fauntleroy** (1921), em que ela faz, aos 29 anos, o papel de um rapaz de oito. O primeiro filme da Pickford data de 1909. No ano seguinte surgiu em França a primeira verdadeira criança vedeta do cinema, René Dary, que tinha 5 anos e foi um personagem chamado Bebé em vários filmes cómicos de Louis Feuillade (em adulto, faria o papel do amigo de Jean Gabin em **Touchez Pas au Grisbi**). Como os pais do jovem ator se tivessem tornado demasiado gananciosos, o personagem foi eliminado. Adotou um irmãozinho num filme e foi de viagem em outro, desaparecendo e sendo substituído pelo irmão adoptivo da ficção, cujo personagem se chamou Bout-de-Zan e cujo ator era três anos mais novo do que ele. A mania das vedetas infantis perdurou e os exemplos são numerosos: Margaret O'Brien, Judy Garland, Mickey Rooney, Joselito (estes dois foram enchidos de hormonas para ficarem imberbes), Pablito Calvo, Marisol, mais recentemente Macauley Culkin e outros, em territórios cinematográficos menos conhecidos. É claro que mal deixam de ser crianças (ou aparentarem que o são) a maioria destes atores desaparece. Alguns ainda fazem filmes na adolescência, antes de abandonarem definitivamente o cinema, como Mark Lester, o protagonista de **Oliver!** ou a protagonista do filme desta sessão, que teve um papel em **Fort Apache**, de John Ford, entre outros filmes. Raros são aqueles que continuam a ser vedetas em adultos, como Elijah Wood. Todas estas crianças, naturalmente, enriquecem os pais (Macauley Culkin teve até de lhes dar uma pensão alimentar depois de maior de idade), que formam uma espécie particular, a que os americanos chamam *stage parents* e que mereceriam um estudo à parte.

Com os seus famigerados cachos nos cabelos e as suas não menos famigeradas covinhas no rosto (seriam o resultado de algum efeito especial?), Shirley Temple foi uma das crianças vedetas mais célebres de sempre, talvez a mais célebre. Depois de abandonar o cinema (ou ter sido abandonada por ele), não se transformou em “passadora” de drogas como Joselito, mas teve um destino ainda mais triste: foi eminente personagem do Partido Republicano americano

e embaixadora na ONU em tempos de Nixon. Em 1966, opôs-se publicamente à projecção no Festival de São Francisco de **Nattlek**, terceiro filme realizado por Mai Zetterling, com Ingrid Thulin, por considerá-lo “*pornografia*”. Mais de trinta anos antes, entre 1936 e 1938 (quando tinha entre oito e dez anos) tinha mais êxito nos Estados Unidos do que qualquer outra vedeta de Hollywood. Mas talvez agradasse mais aos adultos do que às crianças. O crítico e programador americano Richard Roud, que pertencia à mesma geração que ela (tinha um ano a menos), dizia que nem ele nem ninguém da idade dele achava muita graça à Shirley: “*Os pais é que a achavam «cute» e arrastavam às crianças ao cinema*”. Talvez a achassem tão *cute* porque ela fazia no ecrã aquilo que faz toda criança exibicionista que quer monopolizar a atenção dos adultos (com a vantagem de ser no cinema e não em casa): tudo e mais alguma coisa. Bebia leite num bar para bebês, com dois rapazitos (**War Babies**); brincava aos *cowboys* (**The Pie-Covered Wagon**); tinha uma empregada preta, de idade tão tenra quanto a dela (**Polly-Tix in Washington**); ia a safaris (**Kiddin’ Africa**); tocava tambor com donaire (**Stand Up and Cheer**); fazia ares de *southern belle* (**The Little Colonel**); fantasiava-se de preta, de havaiana e de velhinha (**The Littlest Rebel**, **Captain January** e **Curly Top**, respectivamente); andava de chapéu de palha, com um cordeirinho nos braços, nas mais lindas montanhas suíças (**Heidi**); levava umas palmadas no traseiro quando pisava as flores da mamã (**Wee Willie Winkie**); e naturalmente, dançava e cantava. Como resistir?

Pode parecer estranho que Shirley Temple não tenha sido uma vedeta da Metro, a mais conservadora e puritana das *majors* de Hollywood (**Freaks**, de Tod Browning, é literalmente uma aberração na produção da Metro) e sim da Fox. E pode parecer estranho vê-la ao lado de Randolph Scott, um “duro” lacónico de tantos magníficos *westerns*, dirigida por Allan Dwan. Mas não é nada estranho, pois Hollywood era uma indústria, a “fábrica de sonhos” funcionava mesmo como uma fábrica, com atores e realizadores sob contrato exclusivo com as produtoras. Shirley Temple fez dois outros filmes com Allan Dwan e dois outros com Randolph Scott. Em **Rebecca of Sunnybrook Farm**, sem querer abusar do “autorismo”, pode-se ver a mão de um realizador com prática e personalidade na sequência inicial, sem dúvida a melhor. Os cenários surpreendem por serem extremamente modernos, misturando formas curvilíneas e elementos *art deco*. Terão sido aproveitados de algum outro filme, como era frequente? Seja como for, estamos numa estação de rádio, espaço emblemático da modernidade americana nos anos 30 e ouve-se uma voz que canta em *off*, uma típica melodia dos anos 30. Um rápido *travelling* levamos de imediato a uma sequência cómica, baseada em equívocos, com o uso de espaços contíguos, porém estanques e personagens bem mais atraentes do que qualquer menina exemplar (o secretário incompetente, a amante gananciosa, a secretária sarcástica). A sequência final, que também tem lugar na rádio, tem as mesmas qualidades e volta a impressionar pela modernidade dos cenários (há até um quadro cubista), sem esquecer um brilhante *cameo* de Franklin Pangborn, um dos mais brilhantes atores secundários do cinema clássico americano. O resto do filme, nos seus cenários campestres, é previsível, com personagens deliberadamente simplificados (a velha rabugenta, a jovem simpática, o criado desastrado, o camponês negro). Shirley, além de órfã é muito esperta e passa a perna no *stage uncle* e na amante dele, que a querem explorar. Note-se que embora aparente cinco anos, ela já tinha dez quando fez **Rebecca of Sunnybrook Farm**. Como Joselito, deve ter sido submetida a um tratamento de choque para não crescer. E o filme não se esquece de lembrar aos espectadores podem fazer carreira mesmo que vivam no campo e podem ganhar muito dinheiro (Randolph Scott quer comprar o contrato dela por cem mil dólares, uma fábula à época). Havia futuro para outras potenciais Shirley Temples e talvez ainda haja.

Antonio Rodrigues